

GORDIMER, Nadine. Ninguém para me acompanhar. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 293 p.

Discriminação Racial: Responsabilidade Civil e Criminal é o tema de congresso na África do Sul, programado para janeiro de 1977, com apoio do governo de Nelson Mandela. O assunto volta a ser discutido porque, embora realizada em clima democrático, a primeira eleição multirracial não bastou para afugentar a violência política e social na África do Sul.

O romance **Ninguém para me acompanhar** da sul-africana Nadine Gordimer, Prêmio Nobel de Literatura em 1991, exemplifica a situação. A obra surpreende exatamente o momento pós-eleição, quando brancos e negros estão procurando localizar-se na nova ordem e uma nova Constituição está sendo redigida. A advogada branca Vera Stark, personagem principal, trabalha numa fundação destinada a promover e garantir o acesso de negros à terra. Tarefa difícil, num país em que o desemprego atinge aproximadamente 40% da força de trabalho da população negra e só 4% da minoria branca. Enquanto metade dos desempregados sobrevive da economia informal, outros 50% permanecem à margem do mercado. A falta de moradia, provocada pelo elevado índice de crescimento da população negra, agrava o problema. Por isso, as invasões a fazendas de brancos são constantes e constantes, conseqüentemente, os conflitos. Alguns deles são resolvidos com as chamadas *townships*, terras divididas em lotes e alugadas aos negros. Outros persistem, como os da fazenda Odensville, cujo proprietário, Tertius Odendaal, vê como inconcebível um homem dormir com uma mulher como Vera Stark, que reivindicava, defendia os negros e falava a ele de igual para igual.

Mas a opinião do fazendeiro não é compartilhada por outros homens que cruzam a vida da militante progressista. No decorrer do segundo casamento de Vera Stark nasceram dois filhos, sendo incerta a paternidade do primeiro deles, Ivan, dado o envolvimento com o primeiro marido, quando já estava vivendo com o segundo, Bennet Stark. A infidelidade não pára por aí. Um terceiro relacionamento deixa marcas doloridas na vida de todos da família Stark. Da filha Annick, por exemplo, que é lésbica. Do marido Ben, que sofre uma dor atroz, não conhecida de ninguém. Dor de saber que, naqueles anos todos, a

mulher usufruía de dois homens ao mesmo tempo. Dor de perceber que ela nunca desejara um marido; somente alguém por uns tempos, como um amante domesticado.

Prática, Vera só lia jornais, relatórios, súmula de sessões parlamentares, publicações oficiais, enquanto o marido - que trocara a escultura por um negócio pretensamente estável para garantia do futuro da esposa - gostava de poesia, arte em geral. Bennet intrigava-se com a peculiaridade de a mulher preferir Annick, a filha parecida com ele, a Ivan, imagem da mãe. Será que a esposa gostava de si mesma? É estranho que uma pessoa viva tanto tempo com outra e não a conheça, tal como nos versos de Yeats, que lhe vieram à mente como um soco: “Que mais sabemos, exceto que estamos aqui, um diante do outro?”

Vera Stark é uma personagem para quem a vida pública tem o mesmo peso da particular. Em conversa com o filho comenta o fato de o marido viver em função dela, de entender o mundo por intermédio dela, não acompanhando as mudanças, nem as de casa, nem as do país. Daí o envolvimento com as pessoas da fundação em que trabalha, como Oupa Sejake, jovem funcionário negro, que ansiava por um diploma de advogado e acabou morrendo, vítima das conseqüências de uma bala que o atingiu durante um assalto, em que também levou um tiro a própria Vera Stark. Outra personagem que atravessa o mundo da advogada é Zeph Rapulana, a princípio, porta-voz dos negros da fazenda Ondensville, depois, influente negociador das causas entre brancos e negros.

Nadine Gordimer não quer apenas uma narrativa interessante. Visa, sobretudo, à adequação entre a verdade ficcional e a verdade da vida. E a realidade da efabulação é, também, a realidade de seu país, onde líderes dos movimentos de resistência, depois de viverem anos e anos no exílio, voltam, com a abertura, à África do Sul, certos de que o sacrifício será reconhecido e compensado. O que encontram, entretanto, é frieza, distanciamento. É o caso de Dydimus Maqoma, cuja liderança é considerada ultrapassada; substituiu-o, ironicamente, a mulher Sibongile, que, na volta à pátria, ao ser colocada com o marido num hotel, antes reservado só para brancos, ironiza, diante de uma mancha num cobertor, sobre a grande honra que era aquela de “dormir embaixo da porta do homem branco”. Nesse quadro de adaptação à nova vida, insere-se, também, a filha do casal, Mpho. Educada segundo os padrões europeus, dificilmente se sentirá como uma sul-africana.

À percepção da escritora Prêmio Nobel de Literatura/91 não escapa a análise de conflitos entre os próprios negros: os invasores da terra, que deveriam estar lutando pela sobrevivência, pelejam entre si, em disputa por lideranças. Quanto aos brancos, com o fim do *apartheid*, poucos são os que levam vida normal. Ou vivem em conflito com os negros ou emigram para outros países, Estados Unidos e Austrália, sobretudo.

O mais trágico, porém, é que a vida se apresenta como um beco sem saída. Para a ativista Sibongile Maqoma, só existe o presente, pois está ameaçada de morte. Por outro lado, adolescentes negros de 18, 19, 20 e tantos anos, que promovem greve, recusando-se a pagar taxas de exame nas escolas, são tratados como crianças, embora façam coisas assustadoras, exatamente porque não tiveram oportunidade de serem crianças. Zeph Rapulana, por sua vez, é um “fora do ninho”, jantando no luxuoso restaurante Drommedaris, pouco antes só freqüentado por brancos. Ainda que tivesse havido mudança no regime, os negros parece que são, na visão da autora, condenados a viver num *apartheid* eterno: nunca vão participar das reuniões dos brancos, nunca serão diretores-presidentes, juízes ou comandantes-em-chefe. Enfim, o país fez tudo errado, numa espécie de processo histórico às avessas. Cabe a pessoas como Vera Stark, Sibongille, Dydimus Maqoma e Zeph Rapulana trabalhar em favor dos oprimidos na África do Sul. “O futuro é desfazer o passado”.

Para a dr.a Stark, a vida pessoal é transitória e a vida política transcende, como arte, para a qual nunca tivera tempo. Enquanto o marido considera o casamento deles uma “errada”, um fracasso, Vera o vê tão-somente como uma parte do caminho, ao lado de muitos outros, diferentes, mas igualmente importantes, porque, ao final, “todo mundo acaba rumando sozinho em direção ao eu”. No assalto, de que fora vítima, levaram-lhe a aliança. Já era o início da ruptura, o começo da solidão. Mas solidão de que deseja apossar-se, porque conectada a algo mais forte, a liberdade. Atuar como membro da Comissão Técnica sobre Questões Constitucionais, além de continuar prestando serviços à fundação legal, é suficiente para suas disponibilidades.

O gosto do romance comprometido e a atração por personagens femininas representam traço marcante na ficção de Nadine Gordimer. É o que acontece com três outros romances traduzidos no Brasil: *A filha de Burger*, *O falecido mundo burguês* e *Uma mulher sem igual*. A questão político-social sul-africana é o *leit motiv* dos três. Acoplando-os, vê-se uma complementaridade: o segundo mostra uma penetração vertical nas motivações anti-segregacionistas, dadas como ponto pacífico no primeiro, para não interferir na fluência narrativa. O terceiro retrata uma ativista que coloca os interesses da causa africana paralelamente a seus próprios, sem inibir a condição de mulher. Rosa, a protagonista do primeiro, é germe de Liz, a personagem do segundo. Hillela, do terceiro, é síntese das duas primeiras. A dr.a Vera Stark, por sua vez, é continuação das três. Diferente só no que não pode ser igual. Diferente como a África do Sul pós-*apartheid*.

Ninguém para me acompanhar é um romance moderno, tanto do ponto de vista temático quanto do lingüístico. Além dos assuntos particulares de seu país, Nadine Gordimer vale-se do enredo para discutir temas atuais polêmicos como

hétero e homossexualidade, relacionamentos dentro e fora do casamento, amor nos tempos de AIDS. Tudo numa linguagem despojada, com discurso indireto livre e fluxo de consciência, que dão espontaneidade à narrativa, exceção feita ao tom sentencioso de algumas falas, em parte explicável pelo comprometimento político-social. Última observação: o padrão culto de língua, escolhido para a tradução, não é observado, ao longo do texto, em casos em que deveria ser.

DR.a Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo
(Departamento de Letras)